



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

ENTRE O AUTISMO, A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E A ESCOLARIZAÇÃO: DESAFIOS QUANDO KALEN ENTRA NA ESCOLA

Flavia MoreiraMatias¹

Madebe Schmidt²

Simone Lindenmeyer³

Resumo

O presente artigo em forma de relato de experiência retrata a essencialidade do uso de elementos da Comunicação Aumentativa e Alternativa para a inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo, com nome fictício de Kalen, na sua chegada a uma turma de primeiro ano de uma escola da rede pública municipal de Novo Hamburgo. Os objetivos deste relato são discutir conceitos que envolvem a função cognitiva, a Comunicação Alternativa, a aprendizagem e o transtorno do espectro autista procurando relacioná-los com o caso deste aluno, buscando, também, expandir reflexões acerca das práticas metodológicas abordadas através do uso de pictogramas do software criado e disponibilizado de forma pública e livre - o *Araboard*, cuja origem vem a ser do site hispano-aragonês ARASAAC³, também público e livre que tem a meta de universalizar a Comunicação Aumentativa e Alternativa. A metodologia utilizada teve suas bases nos princípios da pesquisa-ação. Entraram em ação de parceria nesta proposta: a família, a professora de sala de aula, a apoiadora à inclusão, as professoras de educação física e do ensino das artes, a professora do Atendimento Educacional Especializado e a equipe diretiva juntamente com o Grupo de Pesquisas em Comunicação Alternativa ATRIUM⁴. Através das estratégias tecnológico-pedagógicas colocadas em ação foi possível adequar a escola ao aluno e vice-versa no que se refere aos 'desafios' que surgiram quando Kalen entrou nesta instituição de ensino e que trouxeram e estão trazendo resultados positivos no que se refere à sua convivência com todos na escola e todos com ele, à sua aprendizagem quanto à alfabetização e quanto à sua autonomia e independência tanto na escola quanto em outros espaços. A Comunicação Alternativa também possibilitou a auto-regulação de Kalen no que se refere à diminuição da ansiedade e a aquisição gradativa da previsibilidade. Também as

1 Terapeuta Ocupacional, membro do grupo de Pesquisa Atrium.

2 Pedagoga, pós graduada em Tecnologia da Informação, profª da EMEF Samuel Dietschi, membro do Grupo de Pesquisa Atrium
3 Psicopedagoga, pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado, profª na EMEF Profª Helena C. Sampaio, membro do Grupo de Pesquisa Atrium.

3 Argumentative and Aumentative Acessibility, portal hispano-aragonês

4 Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa do qual as autoras fazem parte.



crises de pânico e fuga tornaram-se mais raras. Kalen atualmente dá indícios de que já se apropriou do que representa a escola na sua vida cotidiana e que gradativamente, dentro de um processo maior de escolarização, justificam e propõem continuidade para um objetivo maior que é a acessibilidade para todos.

Palavras-Chave: Comunicação Alternativa; escola; autismo; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Muito seguidamente, quando um sujeito com TEA⁵ é matriculado na escola, surgem questionamentos determinantes de todo um percurso, desafios que se colocam a pais, professores de sala de aula, especialistas no Atendimento Educacional Especializado⁶ colegas de sala de aula, enfim, a todo o contexto escolar.

Este artigo pretende discutir o desafio primeiro que se interpôs entre Kalen⁷, menino com TEA e a escola – a comunicação. Este menino, com seis anos de idade foi matriculado no primeiro ano em uma escola da rede pública municipal de ensino de Novo Hamburgo, cujas experiências escolares anteriores foram uma ‘mescla’ de dias da semana em escola especial e outros em escola regular particular.

Sua intenção é relatar o início das proposituras em termos de estratégias que organizaram e puderam trazer a comunicação de Kalen à evidência e preponderância, considerando que não usava em nenhum momento a linguagem oral ou escrita para se comunicar com seus pares e com as pessoas adultas. Kalen possuía somente a linguagem ecológica, não tinha intencionalidade e autonomia para comunicar-se.

Numa primeira etapa, todos da escola iniciaram a convivência com Kalen e era necessário ‘agilizar’, colocar em jogo comunicativo elementos que pudessem auxiliar tanto ele quanto os demais atores escolares em ação e relação.

Para poder se estruturar uma proposta, realizar reflexões e entrelaçar

5 Doravante será utilizada a sigla TEA para Transtorno do Espectro do Autismo.

6 Doravante será utilizada a sigla AEE para Atendimento Educacional Especializado.

7 Nome fictício derivado da cultura celta que significa “guardador de códigos”.



conhecimento com prática, buscou-se apoio em autores como a Dr^a Newra ROTTA (et al.), M^a Elisa FONSECA, Liliana PASSERINO, Rosangela BEZ, e Cátia C. F. WALTER na intenção de dirimir dúvidas, evocar estratégias e confeccionar recursos visuais com enfoque na Comunicação Alternativa no ambiente escolar.

Este estudo de forma alguma pretende ser conclusivo. É o relato da etapa inicial de um percurso de inclusão escolar que pretende ser concreto e possível, de sucesso para Kalen e para toda a comunidade escolar.

ABORDANDO CONCEITOS EM RELAÇÃO AO CASO DE KALEN

Para se poder iniciar uma reflexão mais profunda sobre a comunicação e a aprendizagem é fundamental que se inicie a discutir conceitos que envolvam a função cognitiva e estabelecer *links* com questões de desenvolvimento que ocorrem com Kalen.

Antes de aspectos mais específicos, é preciso refletir-se sobre uma função que faz parte da organização e funcionamento humano, a função cognitiva. Para tanto, refere ROTTA, OHLWEILER & RIESGO (2016. p. 417) que:

“Função cognitiva é a capacidade que o cérebro humano possui para processar a informação vinda do mundo externo e **programar**⁸ o comportamento mais oportuno. Essa capacidade envolve a habilidade de manter-se em **contato com o exterior** (por meio da função de vigilância), de **selecionar e de focar a informação** (por meio da função da atenção) e **de memorizar os dados** (por meio da função da memória). Dessa forma a função cognitiva dá ao ser humano a capacidade de resolver problemas, conferindo-lhe autonomia.”

Percebeu-se que Kalen apresentava prejuízo na função cognitiva quando a informação era somente verbal (exceto comandos simples e objetivos). Além disso, a função de programar o comportamento mais oportuno estava um tanto prejudicada

8 Grifos das autoras do artigo.



em vista de alguns comportamentos de crise/pânico e de atitude de fuga de ambiente de aprendizagem no espaço escolar. Este comportamento poderia estar aliado ao momento em que o ambiente não estivesse organizado numa rotina que visualmente pudesse estar ao seu alcance para que pudesse estar seguro do que iria acontecer num momento posterior.

Kalen veio para esta escola com diagnóstico de TEA. Quando se fala em TEA, buscou-se suporte no que coloca o Manual do DSM V a respeito dos critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista:

“Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia (...):

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada à anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, à ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, além da ausência de interesse por pares.”

(Manual do DSM V, p. 50, American Psychiatric Association, 2014, [trad.])

Parte significativa dos sujeitos com TEA demonstra dificuldade com cancelamento ou inclusão de novas atividades no seu dia a dia. Além disso, também podem apresentar comportamentos disruptivos ao pedirem por certa tarefa de interesse e não terem acesso a ela por conta de outros compromissos naquele momento.

No caso de Kalen percebeu-se isso freqüentemente quando uma situação nova era vivenciada sem ser antecipada. O menino demonstrava comportamentos como agitação, choro, fuga, gritos e chutes em paredes.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

Quanto aos argumentos que apoiaram esta primeira fase de processo de inclusão escolar no que diz respeito à utilização dos recursos e estratégias da Comunicação Alternativa para o estabelecimento da comunicação propriamente dita, refere-se WALTER, (2011, p. 127):

“A comunicação alternativa se caracteriza por um conjunto de métodos e técnicas que facilitam a comunicação, ampliando as possibilidades de troca, de experimentação individual e de relacionamento com o outro (von Tetzchner & Martinsen, 1996). Os Sistemas Alternativos e Ampliados de Comunicação, também chamados de comunicação não-oral ou comunicação aumentativa/suplementar/ampliada, referem-se a um ou mais recursos gráficos visuais e/ou gestuais que complementam ou substituem a linguagem oral comprometida ou ausente.”

Neste íterim, destaca-se a Comunicação Alternativa para reforçar a importância de estratégias e procedimentos visuais no ensino e desenvolvimento de diferentes habilidades para os sujeitos com TEA. No caso de Kalen, estas estratégias precisavam ser oportunizadas, postas em prática e avaliadas posteriormente para que se pudesse organizar um plano de atendimento e uma adaptação curricular onde constassem as aprendizagens necessárias ao seu ano/série de estudo, de acordo com suas habilidades e competências já conquistadas. É importante ressaltar-se que Kalen já está alfabetizado quanto à leitura e escrita de palavras, mas que precisa envolver-se em escritas significativas de textos, contextos, melhor dizendo. A partir destas considerações incluiu-se a hipótese de que a utilização da Comunicação Alternativa poderia ser o elo entre Kalen e o contexto escolar.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste relato de experiência baseia-se nos princípios da pesquisa-ação, cujos parâmetros são defendidos por David Tripp (2005, p. 445 e 446):



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

“A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos(...).

(...) pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática.”

A opção metodológica da pesquisa-ação foi tomada pela equipe formada pelo Grupo de Pesquisas ATRIUM em atitude de assessoria e parceria com a professora do AEE (que é partícipe e levou o caso de Kalen relatando sua entrada na escola suscitando discussão, reflexão e busca de estratégias em equipe). A professora do AEE atuou como mediadora e agente da intervenção na escola.

De acordo com Tripp (id.) a pesquisa-ação faz uma análise de uma situação que se amplia com reflexões sobre o contexto, no caso, o de Kalen, e propõe ações e práticas dos participantes e envolvidos. Quando se discutiu, planejou e foi realizada a intervenção planejada objetivou-se uma mudança para a melhora desta prática.

A seguir, ‘monitorou-se’ e avaliou-se com constância estas intervenções, interpretando e avaliando os resultados a fim de planejar novas estratégias.

Uma das primeiras etapas pensadas no processo de acolhimento e de entender-se o contexto de Kalen na escola foi a conversa com sua mãe, que ocorreu antes do início do período letivo com a professora do AEE.

A mãe trouxe várias informações sobre o contexto histórico-social de Kalen e relatou também dicas que foram consideradas “valiosas” sobre o manejo com ele. Trouxe uma foto de Kalen para que fosse colocada em sua classe dentro da sala.

Muito interessante foi que a mãe também trouxe uma carta como se fosse o próprio Kalen se apresentando, falando exatamente das habilidades e potencialidades, além de algumas dificuldades que poderiam acontecer.

Neste momento sugeriu-se à mãe que tirasse fotos da escola e da sala para mostrar a Kalen (fazendo e propondo a previsibilidade e a antecipação para Kalen



saber onde iria ir todos os dias para estudar, em virtude de que anteriormente ele ia em duas escolas diferentes numa mesma semana).

Depois de saber um pouco mais sobre o menino, a intervenção planejada foi a preparação do ambiente da sala de aula colocando sua foto onde seria o seu lugar.

No primeiro dia, conforme também foi combinado com a mãe, Kalen chegou um pouco depois do horário previsto para o começo da aula, pois a aglomeração das famílias e dos alunos, a euforia e o barulho excessivo do primeiro dia letivo poderia 'desorganizá-lo'.

No primeiro momento, mesmo sendo evitado o momento de maior barulho na escola, Kalen gritava e chorava muito. Sua mãe tentava acalmá-lo, dando uma toalha para enxugar as lágrimas, o que resolvia por um curto tempo.

Kalen não queria permanecer na sala, então, a professora do AEE, conforme algumas propostas pensadas em Grupo frente a uma possível desorganização do menino utilizou o recurso de Histórias Sociais⁹.

Neste sentido, uma das propostas pensadas que utiliza a Comunicação Alternativa são as chamadas Histórias Sociais. Este dispositivo permite que as informações visuais contribuam para que o sujeito com TEA (ou outro transtorno que possa se beneficiar com esta estratégia) sinta-se seguro e possa sair de um momento de crise com maior facilidade.

Assim, a professora do AEE foi desenhando quadro a quadro o que aconteceria na escola. Por um momento este procedimento conseguiu deixá-lo mais tranquilo. Pode-se perceber que Kalen 'focou', prestando muita atenção nas imagens. Isso demonstrou mais um indício de que as estratégias visuais eram mais eficazes para Kalen do que somente a informação verbal.

As Histórias Sociais também foram abordadas quando o pai de Kalen foi viajar. Produziu-se um livrinho curto, com uma imagem e uma frase por quadro enfatizando a situação que precisava ser abordada e antecipada.

⁹ Crianças com autismo apresentam atrasos e déficits importantes no desenvolvimento de habilidades sociais, como foi descrito anteriormente.

Neste contexto, após mais discussões em Grupo, a professora do AEE providenciou através do software ARABOARD⁵ um repertório de mais ou menos noventa pictogramas de diversas categorias como tarefas da escola, materiais escolares, verbos simples (sentar, ouvir, participar, ir ao banheiro, beber água, etc.).

Todos os pictogramas foram pensados em “o que uma criança de seis anos precisava dentro de um contexto escolar.” Seguem os exemplos na Ilustração 1. O material foi recortado em fichas individuais (pictograma e palavra) e depois foi plastificado para uma maior durabilidade.



Ilustração 1: Representação de alguns pictogramas que foram abordados com Kalen.

E assim foram se somando pictogramas conforme a necessidade de utilização por Kalen demandava.

Nos quatro primeiros dias Kalen precisou de uma toalha, que funcionava como seu ‘objeto de apego’, que lhe trazia segurança. Sobre isto, revela Kanner (1997, p. 163) que “os objetos que não alternam nem a aparência nem a posição, que conservam a identidade e nunca ameaçam o isolamento da criança são aceitos.”

Outro fator fundamental foi a intervenção da professora de AEE com a professora da sala de aula no sentido de estimular a relação e interação de Kalen com a turma e com ela, professora da turma. Neste sentido, a professora



preponderou esta estratégia e sempre que possível se reportava a ele, não deixando-o “à margem da turma”.

Uma estratégia/intervenção muito interessante foi proposta e realizada com a turma de Kalen. Foi realizada uma dinâmica com a turma e, através desta dinâmica os colegas de Kalen puderam saber mais sobre o que acontecia com o seu colega, do que ele poderia precisar, como poderiam ajudá-lo e como poderiam ‘puxar conversa’, interagir e se relacionar com ele, inclusive com os cartões de pictogramas que haviam sido confeccionados.

Nas duas primeiras semanas não havia apoiadora à inclusão na turma; a professora do AEE acompanhou a turma nestes primeiros momentos. Foi importante este período para todos da turma: Kalen, as professoras e funcionárias da escola, a família de Kalen e o próprio menino. Assim, contribuía quando alguma dúvida destas pessoas surgia no momento em que surgia.

Outro dispositivo pensado para a adaptação de Kalen à escola e vice-versa foi a confecção de uma rotina com pictogramas. A incorporação da rotina de Kalen foi introduzida através do uso de agendas. As agendas são sinalizadores das atividades que serão realizadas ao longo de um período escolar (dia ou semana). Funcionam como preditores do que está por vir, indicando também o que já passou. Para sua confecção foram utilizados pictogramas com escrita. Com isso, notou-se que saber a rotina tranquilizava Kalen. Ele acompanhava atentamente, repetindo oralmente o que diziam os cartões em alguns momentos quando a rotina era exposta. Para uma melhor funcionalidade, colocou-se a agenda visual na sua mesa (Ilustração 2).



Ilustração 2: Rotina visual de Kalen

No encontro do ATRIUM foi pensado na intervenção de se identificar toda a escola com os pictogramas do ARASAAC para trazer acessibilidade a todos e a Kalen (Ilustrações 3, 4 e 5). No banheiro também foram incorporados apoios visuais para a lavagem das mãos e escovação dos dentes (Ilustração 6).



Ilustração 3: Elementos da CAA na porta do Depósito de Materiais



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017



Ilustração 4: Elementos da CAA na porta do banheiro feminino



Ilustração 5: Elementos da CAA no bebedouro



Ilustração 6 : Apoios visuais no banheiro

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo-se a metodologia da pesquisa-ação, aconteceram monitoramentos, avaliações e novas propostas de intervenção a partir das discussões do que foi observado com os autores escolhidos neste estudo.

A partir destas observações e pontuações pode-se destacar que:

- Kalen demonstrou processar melhor as informações com recursos visuais ou combinados com representações concretas.
- Perante as propostas iniciais realizadas, Kalen interagiu cada vez mais e surpreendeu a todos com seus progressos. Tanto que no quarto dia de aula não precisava mais da toalha, que antes era seu objeto de apego.
- Em relação a interação com sua turma todos simpatizaram muito com Kalen procuram auxiliá-lo quando necessário. Com isso, a turma vem reforçando ações positivas de comportamento, pois Kalen imita muitas ações dos colegas.
- Quando foi confeccionado o livro da História Social da viagem do pai, percebeu-se que Kalen beneficiou-se deste dispositivo conforme relato da mãe. Pode-se dizer que este 'livro' diminuiu o caráter de surpresa da viagem e também de ausência do pai, estimulando Kalen a apropriar-se de habilidades sociais adequadas a este contexto.



- A História Social desenhada pela professora do AEE e a agenda confeccionada ajudou Kalen no controle da ansiedade e a melhorar seu comportamento ansioso e inseguro nos dias e semanas que se seguiram.
- É importante a observação de que todos os progressos de Kalen são valorizados, comemorados e acompanhados por todos que convivem com ele na escola, além de sua família.
- A partir dos cartões de pictogramas confeccionados Kalen pôde entender melhor o que tinha que fazer, fez acesso às ferramentas expressivas e aumentou a produtividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta jornada de pesquisa-ação percebeu-se que os desafios foram diários, mas que as estratégias que foram utilizadas desde o início do ano letivo, vem trazendo grandes resultados e progressos significativos para Kalen.

Destaca-se que hoje Kalen:

- Sente segurança na turma e na organização de sua rotina;
- Realiza atividades adaptadas para ele;
- Lê palavras e frases;
- Melhorou significativamente a autonomia para atividades básicas como pegar e guardar seu material, beber água; realizar as tarefas, entregar as atividades para a professora; realizar a oração da merenda;
- Na pintura esboça mais firmeza com o lápis;
- Desenhou pela primeira vez a sua família (mês de abril);
- Não está mais tão intolerante ao cheiro do almoço e almoço na sala (mesmo não conseguindo ainda almoçar com os colegas);
- Chega feliz na escola;
- Tem os colegas como referência e no recreio procura por eles;
- Diminuiu as crises de fuga e ansiedade.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

Enfim, dentro do que se propôs neste relato de experiência, o presente artigo buscou demonstrar contribuições, estratégias e recursos que emergem diante dos desafios da inclusão escolar, onde cada sujeito precisa ser visto e compreendido como único, respeitado na sua singularidade e valorizado nas suas habilidades e potencialidades.

Usar a Comunicação Alternativa para garantir a previsibilidade da sequência do dia (enquanto período em que Kalen estivesse na escola) e sua ordenação e para tornar as atividades e tarefas compreensíveis para Kalen foi uma ótima estratégia e que é utilizada todos os dias.

A Comunicação Alternativa, portanto, auxilia na independência e na autonomia, pois ao realizar propostas e corresponder às atividades Kalen, que antes não demonstrava o desejo e a iniciativa vem progredindo como sujeito em interação com as demais pessoas do espaço escolar conquistando cada vez mais seus direitos de acessibilidade à aprendizagem dentro do espaço escolar público, de direito de todos.

REFERÊNCIAS

American Psyciatric Association, 2014, [trad.] Maria Inês Corrêa Nascimento. **Manual Diagnóstico e estatístico dos Transtornos Mentais – DSMV**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

PASSERINO, L. Et. AL. **Comunicar para Incluir**. Porto Alegre:CRBF, 2013. ROCHA, Paulina S. (org.) et alii, **Autismos**. São Paulo: Editora Escuta, 1997.

ROTTA. OHLWEILER & RIESGO (org.) **Transtornos da Aprendizagem – Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

TRIP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em 30 de julho de 2017.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

WALTER, C. **O PECS adaptado no ensino regular: ma opção de comunicação alternativa para alunos com autismo.** In: NUNES, L. QUITERIO, P; WALTER, C.; SCHIMER, C.; BRAUN, P.(Org.) Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência. Marília: ABPEE, 2011.